



# A TEMPORALIDADE PLESIOLÓGICA NA PARÁBOLA DO HOMO VIATOR (LUCAS 10.25-37)

Ramiro Délio Borges de Meneses.<sup>1</sup>

## I. INTRODUÇÃO

Lévinas abre o tema – *Le Temps et l'autre* – com uma interrogação: o tempo constitui a revelação da finitude do existente ou mostra, antes, a abertura à transcendência e ao além do ser? A Introdução da parábola do Bom Samaritano inicia-se com uma pergunta muito semelhante: *que estou fazendo para alcançar a vida futura* (Lc 10.25). Logo de seguida, Jesus Cristo elaborou um conto provocante, que é o exemplo antropológico da *virtutis studium* dos judeus seus coevos.

Segundo Lévinas, o tempo não reconhece, em sentido cósmico, na identificação platônica do *aionion* (eternidade), nem mesmo como sua “imagem móvel”, tal como se expressa no *Timeu*, Platão, e ainda nos textos filosóficos, em Plotino, mas no interior de uma definida concepção de experiência, que se poderá caracterizar como “experiência absoluta”. É exatamente este o sentido do tempo eónico<sup>2</sup> da parábola do Bom Samaritano. Quando o perito na Lei faz a pergunta a Jesus, necessariamente se ergue a temporalidade plesiológica<sup>3</sup>, ao citar, de forma explícita, por meio do Evangelho segundo Lucas, os conteúdos, sobre a vivência agápica, que estão escritos na *Torah* e inscritos no coração do Povo de Israel.<sup>4</sup>

A estrutura da temporalidade determina-se, segundo a

---

1 Ramiro Délio Borges de Meneses (Dr.). Investigador do Instituto de Bioética, U.C. P., Porto, Portugal. Professor do Instituto Politécnico de Saúde do Norte (Gandra e Famalicão).

2 [Nota do Editor: o termo “eónico” vem de “éon”, um dos termos gregos usados para “eterno” ou “era”. O termo é incomum no uso corriqueiro, mas usado na filosofia].

3 [Nota do Editor: o termo vem de “plesios”, no grego, remetendo para aquele que está perto – o próximo. Tempo plesiológico poderíamos, eventualmente, entender por “tempo voltado para o próximo”, neste contexto aqui. O autor o usa como termo técnico, como se verá mais abaixo].

4 Cf. J. D. LOURENÇO. O Mundo judaico em que Jesus viveu, cultura judaica do Novo Testamento. Lisboa: Universidade Católica Editora 2005, p. 63-68.

fenomenologia bíblica, pelo sentido do Infinito em nós, segundo a parábola, que será o Pai das Misericórdias e surge como ideia viva e vivida, em que o *ideatum* ultrapassa ou transcende a ideiação ao manifestar a natureza do passar diacrônico pela inadequação ao presente, que o contemplaria como se fosse o próprio princípio da inteligibilidade do tempo. O tempo da parábola do Bom Samaritano revela-se não como *ideatum*, mas como a durabilidade do dom (Samaritano) e do contra-dom (Desvalido no Caminho), que se expressa como *tempo de alteridade*.

Para Lévinas, o tempo não possui termos relacionais, como em Husserl, pela protensão e retenção, como se faz crer em toda a fenomenologia. O tempo será uma vida presente a si mesma na consciência e que tem, nessa presença, o único meio de acesso ao “passar”. O tempo do Samaritano, que é de alteridade, será *dar prioridade ao Outro* (Desvalido no Caminho).

O que se chama “termos” deve aparecer no conteúdo do próprio tempo, o que implica o abandono da noção de tempo como forma, ou seja, como algo *per se* vazio, simples condicionante de uma experiência possível.

Analisaremos, pois, a origem do conteúdo do tempo, na parábola do Bom Samaritano, com que se relaciona a possibilidade de realizar plesiológicamente<sup>5</sup> a experiência do passar, que assenta na pluralidade de fenômenos relacionados com o “ser-para-o-Outro” (*Desvalido no Caminho*), como o foi o Samaritano, no qual se pode procurar o sentido da proximidade e da separação, modalidades intrinsecamente temporais, descritas, como durar plesiológico, segundo a parábola do Bom Samaritano.<sup>6</sup>

Esta parábola, ao colocar-nos num tempo cairológico, torna possível a desformalização do tempo, que deixará de ser cronológico ou físico, tal como vem narrado na Física de Aristóteles e comentada por S. Tomás de Aquino como: *numerus motus secundum prius ac posterius*.

O tempo do Samaritano, como veremos neste estudo, como duração eónica, coloca-nos a prioridade plesiológica à maneira do pensamento de Lévinas. Contudo, a parábola fala-nos de duas formas de espacialidade, desde a identidade até à alteridade.

## II. TEMPO PLESIOLÓGICO: PELA DURAÇÃO DE IDENTIDADE À DE ALTERIDADE

---

<sup>5</sup> Veja nota 2.

<sup>6</sup> Cf. R. D. BORGES DE MENESES. “Do Desvalido ao Samaritano: a humanização em saúde”, in: Eborensia, 36, XVIII, 2005, p. 87-101.

A Misericórdia, na mística e a vida, seriam desdobramentos internos da visão e do querer ver, em que consistirá toda a intencionalidade, na qual se autodelimita um visível de um invisível do Pai das Misericórdias como puro dom.

A Misericórdia revela-se na parábola, o que confusamente se designa por sentimento da exterioridade, indicando o Exterior ou o Outro como o não-conhecido, o não-compreendido, o Desvalido do Caminho perante a “intencionalidade plesiológica” do Samaritano.

O instante surge na sua preocupação pela vida percebida como fluir das vivências plesiológicas (intencionais da consciência poética<sup>7</sup>) ou pelo Espírito de misericórdia como vocação plesiológica de um Samaritano, perante um Desvalido, que está no instante do *des-valere*.

Contudo, segundo Lévinas, o mistério do instante não reside inteiramente nas aporias do tempo e do instante ou do tempo e da eternidade. Se é possível reconhecer a eternidade como a duração em extensão indefinida de uma vida concentrada sobre si mesma, então o instante, na sua evanescência, deverá dizer-se como negação ou inversão perfeita do modelo eterno.

O instante é origem para além de todo o passado e contração aquém de todo o futuro. O instante constitui, sem ser um simples intervalo, a diástase da subjetividade. A sua densidade parece residir, na sua evanescência, isto é, na simultaneidade entre não-herança e ausência de expectativas, que tem a sua concepção de mundo no Desvalido no Caminho.

Concluir o seu começo significa tomar posse do ser. Aqui está a diferença entre o dom (Desvalido no Caminho) e o contra-dom (Samaritano bom), que se poderá chamar – distância interior do instante –, no qual este último vê o primeiro e O acolhe. É nessa distância interior do instante que se dá o encontro entre o Desvalido no Caminho e o Samaritano.

Segundo Lévinas, a distância interior do instante implica um ato original de assunção do ser, na medida em que por assunção se entende tomar qualquer coisa de um ato de se apropriar ou ainda como usurpação.<sup>8</sup>

O Samaritano é usurpado pelo “semimorto”, porque faz despertar naquele a “comoção das vísceras” (de baixo para cima). O tempo plesiológico é marcado por esta distância interior do instante, que o Desvalido é presente e presença do Samaritano.

Perante o Desvalido, o Samaritano marca o ritmo de alteridade, no qual se encontra, pela misericórdia, no dar prioridade ao Outro. Essa

---

7 [Nota do Editor: o termo vem do grego, “poiéo” – fazer; consciência voltada ao fazer]

8 Cf. E. LÉVINAS. *Le Temps et l'autre*. Paris: Presses Universitaires de France 1948, p.

prioridade esplancofônica<sup>9</sup> aparece-nos como forma clara de definir o tempo de alteridade.

No entanto, a parábola refere um tempo de identidade que se manifesta na conduta do Sacerdote, do Levita e dos salteadores. Estes marcam a prioridade de si mesmo, não havendo lugar para o Outro (Desvalido). O tempo de identidade é a duração de *eros*, cujo instante é um momento da afirmação de si e de determinação da normatividade da lei, como forma de se caracterizar como distância exterior do instante plesiológico. Aquilo que interessava ao Sacerdote e ao Levita era o rito litúrgico do Templo e a vivência da *Torah*, em detrimento da misericórdia, que o profeta Oséias afirmava como estando acima da *Torah*.

A parábola do Bom Samaritano aponta para dois tempos, da seguinte forma:

“tempo de identidade” → duração da *Torah* e do culto;  
 “tempo de alteridade” → sucessão plesiológica do “Outro”.

A relação com o Outro aparece sempre como algo já concluído, imemorial, porque já passou e escapa à memória, por esse motivo não pode ser representada.<sup>10</sup>

Lévinas declara ter sido algo que escapa à memória, representação que o levou a investigar o que estaria antes do ser, quer dizer, um antes não sincronizável, que pode também explicitar-se como um tempo antes do meu tempo. O Samaritano viveu um tempo eónico antes do seu tempo, ao ritmo do Desvalido do Caminho, dado que este tem prioridade sobre mim (Samaritano bom).

Essa concepção de tempo, segundo Lévinas, surge como essencialmente passado e futuro, em que o presente não é mais do que um ponto de passagem.

Assim, segundo a parábola do Bom Samaritano, este é um ponto de passagem, porque o passado e o futuro serão dados no Desvalido no Caminho.

O tempo não é uma sucessão de instantes, mas é algo irreversível. O Desvalido é um “vestígio encarnado” (passado) e um “vestígio ressuscitado” (futuro).

9 [Nota do Editor: Vem do grego “esplanghna” – “entranhas”. Lembremos das entranhas de Jesus que se contraem ao ver a miséria do povo judeu. Talvez possamos entender o termo como “prioridade que se estabelece a partir da misericórdia, das entranhas que se contraem com a miséria do outro”].

10 Cf. E. P. LOPES NUNES. *O Outro e o Rosto, problemas da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia 1993, p. 43-69.

Existe uma situação, muito concreta, na qual o Samaritano se choca e que é o encontro com o Rosto do Desvalido no Caminho. Ser e estar no Caminho é um embate espaço-temporal. O rosto, temporalmente, está no vestígio do ausente, absolutamente terminado no Desvalido. O rosto vem de um além, vem de um Ele, que é a temporalidade do Desvalido.

A Ileidade<sup>11</sup> do para além, no pai das Misericórdias, será o fato de que a sua vinda, em Jesus Cristo, em direção ao Samaritano será uma partida (espaço e tempo plesiológicos), que o deixa efetuar-se num movimento para junto do “próximo” como o Desvalido do Caminho.

A positividade de tal partida, no caminho, como diacronia não é um termo, será a minha responsabilidade pelos Desvalidos (nus, presos e doentes), dado que se mostram no rosto de Jesus.

A parábola do Bom Samaritano estabelece o nó da relação do vestígio com a temporização do tempo, mas o desvelamento do rosto do Desvalido no Caminho (Jesus Cristo) dá-se quando o Samaritano se encontrou com a sua nudez e a sua miséria, com o abandono dele próprio, enquanto envelhecimento e caminho para a morte no Gólgota, dado que esta parábola será o seu prelúdio. A parábola revela-se num espaço e num tempo.<sup>12</sup>

No encontro do Samaritano com o Desvalido no Caminho existe a falta de uma presença, de um presente que é o lapso de tempo, que se manifesta como frase retida ou como passado deste presente, que se revela no Pai das Misericórdias.

O Desvalido no Caminho chama-me antes que eu tenha chegado ao Samaritano, com atraso irre recuperável. Este Desvalido espera por mim, mas quando o Samaritano chegou já se tinha dado a dupla passagem. Nesse rosto desnudado, velho, pobre é que o Infinito confunde os seus vestígios e será aqui que ele manifesta a sua transcendência em relação ao presente. Com o vestígio do Outro (Desvalido), eu tenho que renunciar a ser para o meu tempo e aceitar ser para um tempo do Desvalido, antes do meu tempo (o tempo do Samaritano). O Desvalido aceita ser um tempo que será para além da minha morte.

A revelação seria a relação de amor entre Deus e o homem. Assim, se a relação entre Deus, homem e mundo, não fosse só uma relação de passado e futuro, mas também de um futuro, o futuro da eternidade.

Por detrás da concepção temporal está, sem dúvida, o Ele, passado, Desvalido no Caminho, um Deus que falou sem dizer nada, que passou

11 [Nota do Editor: Termo técnico da filosofia de Emmanuel Lévinas, para o qual o paradigma para a reflexão ético-jurídica é o conceito da ileidade (illeité)].

12 Cf. R. D. BORGES DE MENESES. “*Misericórdia: do termo ao conceito na humanização plesiológica*”, in: *Mayeutica*, 70, XXX, 2004, p. 411-420.

incógnito, que se revelou na parábola do Bom Samaritano.

No rosto humano, do Desvalido no Caminho, esboça-se o sinal da passagem do Samaritano bom, que se transforma em Bom Samaritano, como vestígio que luz como “rosto do próximo”, que parece dizer na linguagem agiográfica do Salmista: *signasti super nos lumen vultus Tui, Domine*.

Essa passagem, que é temporalidade, deixa a sua impressão no rosto do Outro (Desvalido no Caminho). As suas marcas manifestam-se pela alteridade, pelas rugas e pelo envelhecimento, que são também sinal da passagem pelo mundo, na Paixão e Morte, como se pré-anuncia pela parábola do Bom Samaritano e será, ao mesmo tempo, um retirar-se dele pelo “dizer” da Ressurreição.

### III. UM ESPAÇO PLESIOLÓGICO: PELO CAMINHO DO DESVALIDO AO SAMARITANO

Eu sou responsável pelo Outro, ou seja, o Samaritano será responsável pelo Desvalido no Caminho (Lc 10.30-37), em relação ao qual o Samaritano já está sempre em atraso: ele reclamava-me antes que eu tivesse chegado.<sup>13</sup>

Assim, o apelo do Desvalido apresenta-se como um imperativo, mas como imperativo plesiológico, que já não pertence ao presente, porque este imperativo poético já é uma acusação em relação ao atraso do Samaritano. O imperativo plesiológico é: “Cuida de Mim, porque sou Eu que estou na dor e no sofrimento”.

A realidade que está “para além do ser” manda-me com um imperativo, que é mais forte e que é anterior à bipolaridade do bem e do mal, apresentados à escolha e à distinção do livre ou do não livre, não seria a última distinção de humanidade e não-humanidade, porque o sujeito se encontra investido pelo Bem na passividade mesma do suportar e do sofrer.<sup>14</sup>

Será curioso notar que, em Lévinas, este para além do ser deve ser visto e entendido num aquém concreto das relações humanas. O Bem e o Sofrimento são os únicos modos de tornar visível o invisível. O Desvalido no Caminho (Lc 10.33) é o visível do invisível Pai das Misericórdias, que tornou, pelo bem dos cuidados, o Samaritano em misericordioso

13 Cf. E. LÉVINAS. *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. La Haye: M. Nyhoff 1974, p. 112-114.

14 Cf. E. P. LOPES NUNES. “O Rosto e a passagem do Infinito”, in: Revista Portuguesa de Filosofia, XLVII, 1, 1991, p. 29-30.

Samaritano.

Para Lévinas, o Bem só será possível se eu me sentir responsável pelo Outro e pela sua miséria. A misericórdia do Samaritano foi possível porque se sentiu responsável pelo Desvalido. A presença do “semimorto” determinou a “comoção das vísceras” *rahamim* ao dar prioridade ao Outro, que está na dor e no sofrimento.

Houve uma presença de alteridade, que constitui o tempo plesiológico do Samaritano diante do “semimorto”.

A responsabilidade, como dar prioridade ao Outro, onde eu me encontro, vem de um aquém da minha liberdade, de um anterior a qualquer recordação, ou temporalização, de um ulterior a qualquer realização, do não presente por excelência, do não original, do anárquico, de um aquém ou de um para além da essência. A responsabilidade por outrem é o lugar onde se coloca o não lugar da subjetividade e onde se perde o privilégio da questão: onde?<sup>15</sup>

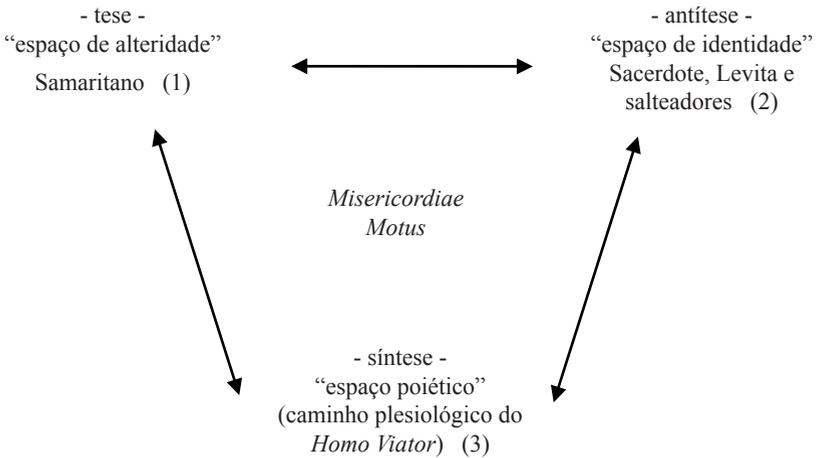
A parábola do Bom Samaritano tem um “onde”. Este é o caminho, por isso se poderá denominá-la como narrativa do *Homo Viator*, onde se desenrolam os acontecimentos, desde as ações dos salteadores até às passagens “para o outro lado” do caminho, pelas condutas de identidade do Sacerdote e do Levita (Lc 10.31-32).

O “onde” da parábola cria um espaço de alteridade, em que o Samaritano está na proximidade do Desvalido. Há uma distância sem distância, um lugar sem lugar. Um estar junto do Desvalido, em que desapareceu a distância e surge a proximidade. É um *espaço plesiológico* marcado pela proximidade do Outro, que é Desvalido. Na parábola do Bom Samaritano, devido à esplancofania da prioridade ao Outro (Desvalido), a distância encurtou-se e surge desde logo um espaço de alteridade, que se assegura como um “espaço poiético”, quando o Samaritano entrega o “semimorto” ao estalajadeiro e é na estalagem que continuam os cuidados.

O Sacerdote e o Levita, ao afastarem-se do “semimorto”, para não se contaminarem e cumprirem um rito, criam um “espaço de identidade”. Aumentaram a distância. Estavam preocupados com as tarefas do Templo de Jerusalém. O espaço de identidade, na visão da parábola do Bom Samaritano, é uma exterioridade imediata e indiferenciada da natureza. O espaço de identidade, tal como se pode perceber pela parábola, será descoberto pela espacialidade dos entes mundanos nas suas condutas individuais. Interpretando dialeticamente o espaço plesiológico da parábola

<sup>15</sup> Cf. E. LÉVINAS. *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. La Haye: M. Nyhoff 1974, p. 12-13.

do Bom Samaritano, poderemos esquematizar:



Na parábola do Bom Samaritano, o verdadeiro espaço poiético será o espaço plesiológico, criado pelo *Homo Viator*, que impulsionará a comoção das vísceras (*rahamim*), permitindo a proximidade, o quebrar das barreiras e estar na prioridade do Desvalido do Caminho, dado que o espaço de alteridade será o *espaço plesiológico*. Com o Bom Samaritano, estamos num *caminho plesiológico*.

O caminho plesiológico é caracterizado por um novo espaço de proximidade, que fora motivado pelo *misericordiae motus*, segundo S. Jerônimo, na *Biblia Vulgata*.

O Sacerdote e o Levita criaram uma exterioridade imediata para a sua afirmação, passando ao lado do sofrimento e da dor do “semimorto”. Preocuparam-se com o “seu espaço” e não com o “espaço do Outro” (Desvalido). O espaço de identidade eros é uma busca de si mesmo e do seu espaço, em que não há “lugar” para o Desvalido, como Outro. Só existe o meu lugar, que foi o do Sacerdote e do Levita. Esses personagens viveram no existir aí, do Caminho, como um *Da-sein* das condutas individuais, não saindo de si próprios. Bastaram-se a si e ao seu mundo, que era cumprir a exterioridade da Lei e dos Profetas.<sup>16</sup>

O “onde” do espaço plesiológico, tal como o interpretamos nesta parábola do Desvalido no Caminho, como personagem mais importante, porque este *Homo Viator* é Jesus Cristo, que, para o Evangelho segundo

16 Cf. A. J. ROCHA COUTO. *Como uma Dádiva, caminhos de antropologia bíblica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa 2002, p. 242-248.

Lucas, será um *topos* na paixão e morte. O espaço plesiológico terminará na Morte de Cristo, para se seguir o dizer da Ressurreição que é um *topos* escatológico.

O espaço plesiológico é lugar de bondade e de misericórdia de um Samaritano que está na proximidade física e intencional com o Desvalido. A proximidade manifesta-se como espaço de bondade. Esta é, no sujeito, a “an-arquia” mesmo. A intriga da misericórdia e da bondade será a intriga excepcional da substituição, que o dito do Desvalido (fome, nudez, doença, etc.), nas suas vivências dissimuladas, atraiçoa, traduz-se à nossa frente.<sup>17</sup>

O rosto do Outro (Desvalido) na proximidade – mais do que representação – é “vestígio irrepresentável” do Pai das Misericórdias. Será porque na aproximação esplancofônica se inscreve o vestígio de Deus-Pai, de onde emana o dom da misericórdia, que passa ao Desvalido no Caminho e, finalmente, é vivenciado pelo Samaritano (Lc 10.33). Entretanto, surge como vestígio de uma realidade que, sendo desmedida, não entra no presente e inverte a *arché* em “anarquia”, na qual existe o abandono do Desvalido (Sacerdote e Levita) segundo a responsabilidade anárquica. A responsabilidade, antes de Mim e da minha liberdade, será o único modo de ser perante o abandono do Desvalido no Caminho. Pela “responsabilidade de alteridade” cria-se um novo espaço, que é *plesiológico*, pelas relações do “onde poético”, entre o Samaritano e o “semimorto”.

Segundo Lévinas, não se trata de uma proximidade física, no sentido de companhia, muito embora faça parte, mas de proximidade no sentido mais profundo e radical. O homem com posses deveria ser o Samaritano, para pagar os cuidados ao Desvalido (Lc 10.35-36), como tirar o pão da sua boca para o dar ao Outro (Desvalido no Caminho).

É nessa substancialidade última do Samaritano que consiste na aproximação, que se determina pela trajetória ou percurso da misericórdia do Infinito (Pai das Misericórdias), onde se forma o *espaço plesiológico*, que não é uma “u-topia”, para tentar explicar a utopia da parábola, até porque esta se faz no Caminho de Jerusalém para Jericó.

O Pai das Misericórdias, significado no rosto, não aparece como algo de intelectualizável, mas como exigência, que é responsabilidade infinita: quanto mais eu for justo, tanto mais serei culpável.<sup>18</sup>

Será uma exigência do “fazer” (*poieô*) a misericórdia, que é exigência de santidade que o Samaritano criou como um espaço plesiológico, pelo

---

17 Cf. E. LÉVINAS. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. La Haye : M. Nyhoff, 1974, p. 47-49.

18 Cf. J. J. VILA-CHÃ. “Enigma da Transcendência”, in: Revista Portuguesa de Filosofia, XLVII, 1, 1991, p. 47.

caminho do Desvalido, pela excelência de uma verdadeira responsabilidade poiética, na qual está o Bom Samaritano, que é o mundo do “semimorto”. É na resposta ao Pai das Misericórdias que se é testemunho ético, presença e proximidade, em que o Pai das Misericórdias se glorifica.

Pela glória do Infinito, o Pai das Misericórdias está na passividade suprema do Desvalido. Uma passividade exposta como um Dizer, que mantém aberta a sua abertura. Essa passividade será um Dizer (*aletheia*), e essa dedicação ao Outro (Desvalido no Caminho) é um ato de sinceridade e de misericórdia, em que o Samaritano será totalmente exposto aos cuidados a prestar, usando ligaduras, azeite e vinho.

Esse dizer de proximidade, como espaço plesiológico, não equivale à linguagem de quem não sabe falar, mas é a extrema tensão da linguagem da proximidade do Samaritano ao Desvalido, como dignificação incessante, que se traduz numa inquietude pelo Outro (semimorto). Essa linguagem é impossibilidade de se calar, escândalo da sinceridade da “comoção das vísceras”.

A sinceridade, cuja significação se torna significante, não é um vocativo, nem reenvia a algo de ôntico, mas é o nominativo plesiológico na relação antropológica entre o Samaritano e o Desvalido.

O valor da sinceridade reenvia à Glória do Infinito. A glória outra coisa não é senão a outra face da passividade, substituindo-se ao Desvalido.

Naturalmente, a glória do Pai das Misericórdias expressa-se na responsabilidade anárquica, que passou por uma “responsabilidade poiética” ao Samaritano. A glória do Pai, por meio do Desvalido (Jesus Cristo), será a alteridade anárquica através do Samaritano desapossado sem poder, fazendo sinal da doação: “eis-me aqui!...”

O Samaritano responde, “eis-me aqui, pronto para os cuidados”. Dá lugar ao “espaço plesiológico”. A glória, como se entende em Lévinas, não é algo de majestoso, impossível ao homem comum, não é um privilégio de alguns, mas é, ao mesmo tempo, o ponto mais profundo do sujeito. A glória do infinito é dar testemunho de uma verdade. Testemunho que é verdadeiro, mas verdade irreduzível à verdade do desvelamento e que não narra nada que se mostre. Dizer sem correlação noemática, na pura obediência à glória, que me ordena, sem diálogo na passividade, é subordinada ao “eis-me aqui”.<sup>19</sup>

A glória está na suprema contemplação. Ela está numa passividade, que é já em si “ação”.

19 Cf. E. LÉVINAS. *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. La Haye: M. Nyhoff 1974, p. 184-188.

Naturalmente, muitas surpresas nos esperam se entrarmos na companhia do Bom Samaritano, naquela estrada, que vai de Jerusalém para Jericó, ou da nossa casa para o nosso local de trabalho.

Estamos tão habituados a viver de modo a realizar os nossos projetos e desejos, que urge satisfazer a todo o custo, que se ousássemos passar um dia a “dar prioridade” ao Outro, seriam tantas as surpresas que, seguramente, nem nos conheceríamos a nós mesmos. Aqui está a glória de Deus Pai na “misericórdia plesiológica”.

No entanto, seria neste dia que verdadeiramente nos encontraríamos, encontraríamos Deus e seríamos encontrados por Deus, que solenemente declara: *“todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos, os mais pequenos, foi a Mim que o fizestes”* (Mt 25.40).

Este mandamento do Juízo Final aparece como prólogo na parábola do *Homo Viator*, na qual este mandamento me é sugerido pelo Rosto do Desvalido e é um mandamento augusto, mas sem constrangimento nem dominação, que me deixa fora de qualquer correlação com a sua fonte: nenhuma estrutura se estabelece com um qualquer correlativo, em que o dizer é a minha própria Palavra.

Na proximidade, na significação, na doação do sinal do Juízo (Mt 25.40), já o Pai das Misericórdias fala pelo testemunho final, que eu dou dele, na minha sinceridade, no meu “dizer” sem dito, no meu dizer pré-originário, que se diz pela boca daquele que recebe o testemunho.

O Pai das Misericórdias glorifica-se no meu dizer e no meu “fazer” e manda-me pela minha própria boca. A interioridade não é um lugar secreto do Samaritano, mas uma passagem do eminentemente exterior a mim, a qual me concerne e me assedia e me ordena pela minha própria voz. A exterioridade do Pai das Misericórdias torna-se de qualquer modo interioridade na sinceridade do testemunho do Samaritano pela “comoção das vísceras”.

Este “testemunho esplancnofânico” do Samaritano, como o de se sentir eleito, será ser testemunho da misericórdia de Deus-Pai, que parece ser o nó e início daquilo que se entende por uma “ética plesiológica”, como óptica do divino em nós, pelo encontro agápico de um *Homo Viatot* (nu, doente, preso, etc.) com um Samaritano.

O momento do testemunho plesiológico, no qual o Samaritano é tomado pelos cabelos como Ezequiel (8.3) esvaziado da sua interioridade para se tornar voz e palavra interiores da dor e do sofrimento do *Homo Viator*, que explodem em testemunho e gesto éticos parece ser, por um lado, o ponto de chegada de todo um processo e um caminho poiético do Samaritano e, por outro, poderá dizer-se que é o primeiro momento

dentro da “anarquia do Infinito” (Pai das Misericórdias). O testemunho esplancofônico do Samaritano é misericórdia, humildade e aprovação e far-se-á antes de qualquer “kerigma” e oração, glorificação ou reconhecimento.<sup>20</sup>

A glória do Pai das Misericórdias não se satisfaz senão pela significação esplancofônica de um-pelo-outro, como sinceridade poética ao “fazer” misericórdia ao Desvalido.

Na relação com o rosto do Desvalido, o Samaritano refere-se a algo que é anterior ao próprio rosto, algo que não se deixa englobar por um presente, sendo uma relação com algo que já não se encontra no próprio rosto.

A realidade vivida e pensada, a partir da relação com o Rosto do Outro (desvalido no caminho), convida-me a pensar um tempo inicial, que está fora do nosso tempo. É o tempo de alteridade. O Rosto do Desvalido (Jesus Cristo) será o ponto plesiológico, no qual a realidade inicial ou a eternidade se poderá inserir no tempo do Samaritano, convidando a nova ordem e a nova significação poéticas, segundo o ensinamento da parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). Trata-se de um “espaço plesiológico” que é marcado pela trajetória da alteridade sobre o Samaritano.<sup>21</sup>

No rosto do Desvalido apresenta-se algo que está para além do rosto, mas somente por meio de um “véstigio”. Essa realidade que está para além do rosto manifesta-se já como passada. É a grandiosidade na parábola, nos seus dois personagens fundamentais: Samaritano e Desvalido, de uma Ileidade, em que o Outro (Desvalido) não se reduz ao Samaritano.

O rosto do Desvalido faz sentir o peso da unicidade do Samaritano. Na sua presença, situa-se o Samaritano como único e eleito, responsável sem limites pela miséria do Desvalido.<sup>22</sup>

O Desvalido e o Pai das Misericórdias elegeram o Samaritano e mandaram-no pelos cuidados. O Bom Samaritano será na medida em que obedece a essa “eleição plesiológica”, que o confere na sua unicidade e subjectividade poéticas.

A positividade do Pai das Misericórdias será a conversão em responsabilidade e em aproximação ao Outro (Desvalido no Caminho), como resposta ao Infinito. Este Pai manda-me a mim, pela minha própria voz e, neste sentido, Ele, que é o mais exterior, faz-se voz interior, naquele

---

20 Cf. S. PETROSINO. *La verità nómada. Introduzione a Emmanuel Lévinas*. Milano: Jaca Book 1980, p. 29.

21 Cf. R. D. BORGES DE MENESES. “Decálogo da Humanização em Saúde pelo Bom Samaritano”, in: *Enfermagem Oncológica*, 26, 2003, p. 42-50.

22 Cf. E. LÉVINAS. *De l'existence à l'existant*. Paris: Minuit 1988), p. 144, 152.

que não tem voz: Jesus Cristo, como Desvalido no Caminho do Golgota.

A grandeza do Pai das Misericórdias, que não me afeta, nem como representação nem como interlocutor, glorifica-se no dizer do Samaritano: *Ego adsum*.

Pela comoção das vísceras (*rahamim*), que vem de fora, Deus-Pai caminha do Desvalido no Caminho para o Samaritano, no momento em que este se torna testemunho dele, glorificando-O.

O enigma do rosto é enigma da eleição, que Deus faz sobre cada Samaritano. É a Sua presença, não presente, que une o Samaritano ao Desvalido no Caminho e que faz o Samaritano ser para o *Homo Viator*: Aqui se apresenta o interesse plesiológico da parábola do caminho.<sup>23</sup>

#### IV. CONCLUSÃO

O ícone de referência é a temporalidade de alteridade – *tempo plesiológico* – do Bom Samaritano, tal como aparece vivido na parábola de Lucas, que é exclusiva (10.25-37). Ele é o que não vê com preceitos. Será o que se aproxima do homem que sofre. E, porque se aproxima, criando um espaço plesiológico, é que vê bem; e, porque vê bem, “comove-se” (*rahamim*); e porque se comove, debruça-se sobre ele para lhe dar vida, porque tem um tempo eónico.

Ele é o que dá prioridade ao Outro “tempo de alteridade”, esquecendo-se de si mesmo e dos seus próprios afazeres. Ele é o que não passa ao lado. Tudo o que faz, fá-lo desde o fundo das entranhas, com um amor entranhado e maternal. O doente, frágil e necessitado, está, para ele, em primeiro lugar, tem precedência sobre ele. É a parábola da temporalidade e espacialidade plesiológicas.<sup>24</sup>

Na verdade, somos muito semelhantes aos ladrões, ao Sacerdote e ao Levita da parábola. Vemos quase sempre o Outro pelo lado da utilidade, que pode ter para nós, ou simplesmente, para desviarmos dele, por já nada vemos nele que nos interesse. Aqui reside a espacialidade e a temporalidade de identidade vividas pelo Sacerdote, pelo Levita e pelos salteadores.

Numa sociedade egoísta e egocêntrica como a nossa, centrada sobre o Eu e respectivos interesses, direitos, satisfação, importância e poder, que vê o Outro apenas como objeto para o “eu” alcançar os seus fins ou como rival, que importa descartar, porque vem desarranjar a agenda, os móveis e os imóveis do “eu”. A parábola apresenta-se como um despertador

23 Cf. P. OLIVER. “*L’être et le temps chez E. Lévinas*”, in: *Recherches de Science Religieuse*, 71, 1983, p. 337-380.

24 Cf. E. LÉVINAS. *Totalité et Infini*. La Haye : Nijhoff 1961, p. 214.

desse espaço e desse tempo de identidade, onde se registra a distância e o afastamento do Outro.<sup>25</sup>

O presente ético é a presença da Palavra do Pai, como Desvalido na *Via Crucéis*, que implica que o Samaritano não domine o tempo onde encontrou a Revelação da Misericórdia. Segundo a parábola do *Homo Viator* (Lc 10.25-35), o presente é desnucleado pelo passado. O seu núcleo é feito de intencionalidade e de saber sendo colocado fora de qualquer centro gravitacional, como perda do centro o empenho ético do Samaritano está referido ao passado de autoridade que comanda a sua atual posição existencial. A temporalidade do dizer é caracterizada por um estar fora de si, que se expressa na “responsabilidade anárquica” a que vem de Deus-Pai, como pré-original e de passado imemorial.<sup>26</sup>

A parábola do Bom Samaritano postula a “responsabilidade poética” ao Desvalido, como dar prioridade a este sobre mim. É a vida plesiológica, que se determina numa conexão espaço-temporal pela sua alteridade.

O sentido plesiológico da parábola vem de fora e é dado pelo Desvalido, que faz a aproximação do Samaritano.

O espaço e o tempo plesiológicos, na parábola, marcarão e espaço e o tempo eónicos, que vem da pergunta do *nomikós*: que estou fazendo para alcançar a “vida eterna”.<sup>27</sup>

Na verdade, o espaço e o tempo dão resposta plesiológicamente pela relação poética do Desvalido no Caminho ao Samaritano.

---

25 Cf. E. LÉVINAS. *Du sacré au saint. Cinq nouvelles lectures talmudiques*. Paris: Minuit 1977, p. 16-69.

26 Cf. J. DE GREEF. “*Éthique, réflexion et histoire chez Levinas*”, in : *Revue Philosophique de Louvain*, 67, 1969, p. 431-460.

27 Cf. C. CHALIER. *Figures du féminin – lecture de E. Lévinas*. Paris: Lagrasse 1982, p. 18-45 ; Cf. R. TREMBLAY, C. S. R. – “*La Figura del Buon Samaritano, porta d’ingresso nell’enciclica di Benedetto XVI*”, in: *Studia Moralia*, 442, 2006, p. 395-405.